

Apêndices

Carta de solicitação de entrevista

Exmo. Senhor(a) Professor(a).

Eu, Maria Adriana Batista, aluna do 2º ano do mestrado na área de Supervisão e Orientação da Prática Profissional no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, venho por este meio solicitar a realização de uma entrevista como parte do trabalho de investigação destinado à realização da minha dissertação para obtenção do grau de mestre em Educação, sob orientação da Professora Doutora Maria João Mogarro do mesmo Instituto.

O projeto de investigação tem como título: *“O Professor como Avaliador Externo: novas conceções e vivências da profissão um estudo com docentes do ensino secundário”* e envolve a participação de docentes do ensino secundário que exerceram a função de avaliadores externos.

A importância da sua colaboração advém do facto de ser um docente com experiências ricas ao nível da docência, da formação e avaliação de docentes e por ter passado pelo momento singular de avaliador externo, que neste estudo se pretendeu captar e que foi vivido apenas por um número restrito de docentes. Como tal, e porque consideramos o seu testemunho uma mais-valia para esta investigação, solicitamos mais uma vez a sua participação.

A sua participação é inteiramente voluntária.

Junto envio o protocolo de entrevista para facilitar um melhor conhecimento do conteúdo, intenção e finalidade deste trabalho.

São naturalmente garantidas a discrição e a confidencialidade da identidade do participante na entrevista, assim como na divulgação dos resultados da investigação.

Desde já agradeço a atenção dispensada, estando disponível para qualquer esclarecimento necessário.

Com os meus melhores cumprimentos

Torres Vedras, 2 de setembro de 2013

Maria Adriana F. S. F. Batista

Protocolo de entrevista

O presente protocolo define as condições orientadoras da participação dos entrevistados no projeto de investigação destinado à realização da dissertação intitulada *“Ser Professor e Avaliador Externo: mudanças nas concepções e vivências da profissão – um estudo com docentes do Ensino Secundário”*, no âmbito do Mestrado em Educação, na especialidade de *Supervisão e Orientação da Prática Profissional*, sob orientação da Professora Doutora Maria João Mogarro do Instituto de Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Pretende-se investigar *Se o exercício da função de avaliador externo – Decreto regulamentar 26/2012 de 21 fevereiro – provocou mudanças nas concepções de Profissão e de Profissionalidade e de que forma influenciou o Desenvolvimento Profissional dos professores.*

Para o efeito, definiram-se as questões:

- *Que tipo de mudanças, nos quadros conceituais de profissão e de profissionalidade, se percecionam nos professores que exerceram a função de avaliador externo no processo de avaliação do desempenho docente implementado em 2012/2013?*
- *De que forma o exercício da função contribuiu para o desenvolvimento profissional dos professores-avaliadores externos?*

Constituem-se como objetivos deste trabalho:

1. *Perceber se o exercício da função de avaliador externo provocou alterações nas concepções e na forma de percecionar a profissão docente.*
2. *Acompanhar a perspetiva dos docentes avaliadores externos, e perceber se o desempenho da função adicional em simultâneo com a docência provocou alterações, nas diferentes dimensões que compõem o conceito de Profissionalidade Docente.*
3. *Percecionar que implicações no desenvolvimento profissional dos docentes/avaliadores externos resultaram do desempenho desta nova função.*

O protocolo estabelece e reconhece os seguintes direitos dos participantes nesta investigação:

- a.** A participação nas entrevistas é feita de forma voluntária, tendo os entrevistados a liberdade de, a qualquer momento, recusar responder à questão, suspender a sua participação ou até desistir, sem que haja necessidade de apresentar justificação.
- b.** As entrevistas serão realizadas em locais escolhidos pela entrevistadora com a concordância dos entrevistados e terão uma duração média de 30 minutos.
- c.** A entrevista será semiestruturadas ou semidiretiva em que se apresentam questões, elaboradas a partir de um guião previamente concebido (do qual se dará previamente conhecimento aos inquiridos), relativamente abertas e a ordem pode variar no decorrer da entrevista consoante as respostas dos entrevistados.
- d.** As entrevistas serão gravadas em suporte áudio, por questões de exatidão e rapidez, tendo os participantes o direito de ficar com uma cópia.
- e.** O registo áudio será arquivado pessoalmente pela investigadora e esses dados serão eliminados após a defesa da dissertação.
- f.** Alguns dos excertos das entrevistas poderão ser integrados no trabalho final, sendo o anonimato sempre preservado, através do recurso a nomes fictícios como forma de referência às entrevistas e entrevistados.
- g.** Os participantes poderão aceder, caso o desejem, ao trabalho final.

Agradeço a colaboração do(a) entrevistado(a), imprescindível para que esta investigação se possa efetivar.

Ao assinarem este protocolo, o(a) entrevistado(a) e a entrevistadora concordam com as condições supra citadas.

_____ de _____ 2013

A mestrand(a)

O (A) entrevistado(a)

Guião da entrevista

Tema: *Ser professor e avaliador externo: que mudanças nas conceções da profissão, da identidade profissional e da profissionalidade docente e que contributos para o desenvolvimento profissional.*

Objetivos gerais:

- Conhecer o processo de avaliação externa dando voz aos docentes que exerceram funções de avaliadores externos e perceber como conciliaram a função de avaliadores externos com a docência;
- Compreender de que forma o exercício da nova função provocou alterações nas conceções de profissão, na identidade profissional e nas conceções de profissionalidade docente;
- Perceber de que forma o exercício da função contribuiu para o desenvolvimento profissional destes docentes.

Blocos	Objetivos Específicos	Tópicos/Questões
A1 Legitimação da entrevista e motivação dos entrevistados	Conseguir que a entrevista seja considerada oportuna e pertinente; Motivar os interessados.	Assinatura do protocolo da entrevista. Solicitação de autorização de gravação. Garantir a restrição do uso da gravação.
A2 Caracterização dos entrevistados	Completar os dados biográficos dos entrevistados; Proporcionar-lhes a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fale-nos do seu percurso escolar e sobre a opção pela profissão de professor. 2. No seu percurso profissional exerceu diversos cargos. Gostaríamos que nos falasse sobre o seu percurso profissional e sobre a importância que cada um dos cargos que exerceu teve para si. 3. Fale-nos sobre o seu horário de trabalho no ano letivo transato: Quantos níveis lecionou; quantas turmas; quantos alunos...
A3 O exercício da função de avaliador externo no processo de ADD e a docência	Obter as considerações que tecem os docentes/avaliadores externos sobre o processo de ADD e identificar de que forma o exercício desta nova função alterou as suas rotinas ao nível pessoal e profissional	<ol style="list-style-type: none"> 4. De acordo com a sua experiência no campo da avaliação de docentes, como encarou o desempenho da função de avaliador externo? 5. Considera que os conhecimentos e competências que possui são os adequados ao desempenho da função de avaliador externo? 6. De que forma ser avaliador externo alterou as suas rotinas pessoais e as suas práticas profissionais? 7. Considera ter contribuído para a melhoria das práticas dos colegas que avaliou? 8. Comparativamente a processos de ADD anteriores – em termos de justiça, fiabilidade e equidade – o que tem a dizer sobre este que viveu?

<p>A4 A avaliação externa e a reconceptualização de profissão e de identidade profissional dos docentes</p>	<p>Perceber se as concepções sobre a profissão sofreram alterações significativas como resultado do exercício das novas funções e se os docentes se reveem num processo de reconstrução da identidade profissional nesta fase da carreira.</p>	<p>9. Quando optou pelo ensino, o que o entusiasmou e contribuiu para que ficasse? 10. O processo colaborativo em que se envolveu com o grupo de avaliadores externos da sua escola mudou a forma como vê a profissão? 11. Sente que a imagem que tinha da profissão se alterou com o exercício de avaliador externo em contextos diferentes daqueles onde habitualmente atua? 12. A profissão tem sido alvo de diversas mudanças ao longo do seu percurso profissional. Que importância lhes atribui e como tem reagido às mudanças?</p>
<p>A5 Exercício da função de professor e avaliador externo e a profissionalidade docente</p>	<p>Compreender como é que os professores responderam aos desafios com que se depararam e que novos dilemas se perspetivam com o exercício desta nova função.</p>	<p>13. Ser avaliador externo afetou, de alguma forma a sua relação com os seus colegas de grupo, com colegas de outros grupos ou com a direção da escola? 14. No desenrolar do processo que importância atribui à formação, ao apoio prestado pela formadora e à atuação da Diretora do Centro de Formação? 15. Em algum momento do período e perante a simultaneidade de tarefas (avaliação externa, lecionar, apoiar e avaliar os alunos, corrigir trabalhos, participar em ações de formação) considerou ser muito trabalho para tão pouco tempo? 16. Considera ter cumprido todas as tarefas com a mesma qualidade ou houve alguma que considera ter sido menos conseguida? 17. As suas crenças influenciaram o processo de avaliação dos seus avaliados?</p>
<p>A6 Exercício da função de avaliador externo e perspetivas de desenvolvimento profissional</p>	<p>Perceber que mais-valias resultaram do trabalho relacionado com o exercício desta nova função na mudança das próprias práticas; Conhecer a formação realizada e o significado atribuído pelos professores a essa formação no contributo para o seu desenvolvimento profissional dentro da docência</p>	<p>18. Considera que o desempenho da nova função exige a aquisição de novas competências, de formação específica, de novos conhecimentos, ou os conhecimentos adquiridos e a experiência profissional são suficientes? 19. A observação da prática letiva de colegas que atuam noutros contextos fê-lo(a) refletir sobre as suas próprias práticas, sobre os contextos onde exerce...sobre a necessidade de mudar? 20. Em algum momento do processo se viu como supervisor dos colegas que avaliou? 21. De que forma a colaboração com os colegas avaliadores externos contribuiu para o seu desempenho como avaliador? 22. Refletindo sobre o processo na sua globalidade... gostaria de continuar a ser avaliador externo? – Porquê?</p>
<p>Questões finais.</p>	<p>Questionar o entrevistado no sentido de saber se pretende dar mais informação além da que lhe foi pedida</p>	<p>23. O que gostaria de dizer que não lhe tenha sido perguntado?</p>
<p>Agradecimentos e validação</p>	<p>Agradecer a colaboração. Informar da transcrição da entrevista e da necessidade de validação da mesma a posteriori.</p>	

Análise Comparativa dos discursos dos participantes

1. Perfil do participante

1.1 Caracterização pessoal			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
1.1.1.Sexo	Feminino	Feminino	Masculino
1.1.2.Idade	58 anos	49 anos	52 anos
1.2.Caracterização profissional			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
1.2.1.Habilitações Académicas	Licenciatura em Educação Física Mestrado em Supervisão	Licenciatura em Ensino Português-Francês	Licenciatura em Engenharia Química Pós Graduação em Orientação Educativa
1.2.2. Grupo(s) de recrutamento	620 Educação Física	300-Português e 320-Francês	510 Física e Química
1.2.3.Tempo de serviço docente e Escalão da carreira	33 anos / 9º escalão	25 anos / 6º escalão	27 anos / 6º escalão
1.2.4.Nível/níveis de ensino	12º (E. Secundário) e 12º (E. Profissional)	8º Ano (3º CEB) e 11º ano (E. Secundário)	9º Ano (3º CEB) e 11º ano (E. Secundário)

1.3. Cargos desempenhados no âmbito da docência ao longo do percurso profissional			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
1.3.1. Diretor de Turma	Quase sempre	Quase sempre	Esporadicamente
1.3.2. Coordenador/Subcoordenador de Departamento	Subcoordenadora de grupo	Subcoordenadora de grupo	Subcoordenador de departamento
1.3.3. Outro	Diretora de Instalações	Classificadora de provas de exame nacional	Classificador de Provas de exame nacional
1.4. Experiência profissional em avaliação de docentes			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
1.4.1. Avaliação de professores em formação inicial	Orientadora de Estágio Pedagógico	Orientadora de Estágio Pedagógico	Orientador de Estágio Pedagógico e Delegado à Profissionalização
1.4.2. ADD – Decreto Regulamentar 1A/2009 de 5 de janeiro	Relatora		Relator
1.4.3. ADD – Decreto Regulamentar 26/2012 de 21 de fevereiro	Avaliadora Externa no âmbito da ADD	Avaliadora Externa no âmbito da ADD	Avaliador Externo no âmbito da ADD
1.5. Experiência profissional no âmbito da supervisão			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
1.5.1. Supervisão Vertical	Orientadora de Estágio Pedagógico, no âmbito da formação inicial Supervisão a docentes do 1º ciclo	Orientadora de Estágio Pedagógico, no âmbito da formação inicial	Orientador de Estágio Pedagógico, no âmbito da formação inicial; Delegado à Profissionalização

2. Perceções sobre o processo de AE-ADD

2.1 Perspetivas sobre o modelo de ADD em vigor

Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
2.1.1. Vantagens do modelo de Avaliação Externa	Não sei comparar mas, aqui assim temos uma componente, como é uma pessoa de fora a observar não haverá tanta subjetividade da parte de quem avalia. Portanto, nesse aspeto, se calhar ... será mais justo.	Na avaliação externa, acontece que não sentimos pressão de nenhum dos nossos pares e, como não sentimos pressão, tendemos a ser muito mais objetivos.	Eu não vejo qual é o interesse de haver avaliação externa. ... A avaliação devia ser feita pela direção da escola ... não por um professor
2.1.2. Perspetivas sobre a equidade e fiabilidade do modelo	... Como os avaliadores são diferentes, e cada um tem o seu percurso há de haver sempre alguma diferenciação entre o que um avaliador avalia (riso) e o outro, não é? – Ou os critérios que cada um utiliza depois na classificação	Li os relatórios, cada uma das avaliadas dedica um parágrafo às aulas assistidas, ... por que tenho de ter o relatório de todas as atividades realizadas ao longo do ano? Não considero pertinente, era escusado, pode viciar o processo, um avaliador pode ser levado a refletir sobre o global e outro a cingir-se, tal como lhe foi dito e redito às aulas assistidas, nem sequer dá para certificar que os planos se incluíram numa determinada sequência, para isso seria necessário um relatório exaustivo, impossível de pedir. ...	Se calhar devia haver era mais observações, ou... é claro que não pode haver ... que isso tem outras implicações ... a avaliação externa são duas aulas, portanto ... cento e oitenta minutos, dois blocos de noventa. Em duas aulas se calhar não se ... não se vê aquilo que se deveria ver, porque se nós vimos... vou dar um exemplo: imaginemos que o professor tem cem aulas com uma turma e tem cinco aulas observadas, cinco é cinco por cento, nesses cinco por cento é um professor excelente e nas outras noventa e cinco é um professor medíocre. Então a importância ... isto até é ... [não] pode ser, é um

		<p>Considero que este [modelo] é mais objetivo. Pode tornar-se mais objetivo, mais fiel, porque a pessoa não está sujeita a pressões.</p>	<p>contrassenso, isto é um contrassenso! Quer dizer cinco aulas são excelentes e noventa e cinco por cento são más, são medíocres. Portanto já nem digo más, digo medíocres, portanto isto tá tudo ... tá tudo ao contrário!</p> <p>Porque o avaliador é um avaliador externo à partida não conhece o professor em observação. Mas pode conhecer. Já no anterior, era um colega de grupo portanto aí ... portanto os colegas que avaliaram os ... outros ... ser o mesmo colega de grupo, em anos anteriores, pode ter provocado algum conflito dentro dos grupos.</p>
<p>2.1.3.O papel das lideranças no processo</p>	<p>Estivemos bastante tempo à espera de sermos atendidos pela Diretora do Centro, já que o trabalho de recolha/entrega dos relatórios dos vários Diretores de Escola levou mais tempo do que tinha sido previsto. Reunimo-nos em seguida e foram lembrados os procedimentos para a conclusão do processo de avaliação externa.</p> <p>Recebi o telefonema do Centro de Formação para amanhã às 9:00 Horas ir buscar o relatório de autoavaliação do professor P2 reformulado. Às 9:00 horas estava no Centro de Formação para receber o</p>	<p>Vou já enviar ao centro as datas acordadas com a avaliada para não haver problemas.</p> <p>(...) Resposta atempada e positiva do Centro de Formação.</p> <p>O sistema está a funcionar, sejamos otimistas.</p> <p>A proposta de alteração à calendarização foi aceite e registada.</p> <p>Quando saí da reunião fiquei um pouco desolada, a diretora já não se encontrava na escola para me entregar</p>	<p>... a formadora podia ter se calhar dado mais formação ... devia ter dado mais formação especialmente antes do processo começar. A diretora do centro de formação cumpriu... limitou-se a cumprir calendário, portanto acho que teve um papel ... procedeu corretamente. Agora é assim, apenas cumpre ordens. Agora a formadora é que devia ter aparecido mais vezes ... mas se calhar também por...imposições ministeriais também não o fez.</p>

	<p>relatório de autoavaliação do professor P2, mas só às 9:40 é que apareceu a funcionária para mo entregar! E assim perdemos o nosso tempo tão precioso!</p> <p>A diretora do centro, pronto manteve-nos sempre informados e fez a ligação entre as várias fases do processo. Acho que foi essencialmente isso.</p>	<p>os relatórios das avaliadas.</p> <p>... A diretora do centro de formação ... todas as dúvidas que lhe foram colocadas ela respondeu sempre, e tentou da melhor maneira ... resolvê-las e resolveu-as da melhor maneira que lhe foi possível evidentemente. ... A formadora ... A formadora claro ... como tinha poucas horas deu ... deu o apoio que poderia. Também não houve tempo para mais.</p>	
--	--	--	--

2.2 Competências e requisitos para ser Avaliador Externo			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
2.2.1.A formação académica e o exercício da função de avaliador(a) externo(a).	<p>... para além de toda a experiência que tenho, depois o mestrado em supervisão pedagógica onde nós também abordamos tanto assuntos relacionados com a supervisão e a observação de professores, acho que sim</p> <p>Pronto eu estava a falar do meu caso. Como tenho também o mestrado nesta área, se calhar o professor que não tem formação específica nesta área tem mais dificuldade em fazer este tipo de trabalho.</p>	<p>Eu considero que tenho habilitações ... considero-me ponderada o suficiente para saber como avaliar</p> <p>Exige a aquisição de novas competências, exige formação específica, para quem não tem formação específica, como eu, não tenho na área de avaliação, a não ser aquela que me foi dada o ano passado, exigiu muita leitura de muitos autores e diversificados... exigiu muitas horas de autoformação.</p>	<p>Sinto-me completamente à vontade na observação de aulas. A formação científica que tenho e a formação ... a pós-graduação que fiz em orientação educativa, acho que foi extremamente importante</p> <p>As ações que tive na Faculdade [como orientador de estágio] foram interessantes... interessantes e importantes, as que fiz na escola como avaliador interno – que eu também fui avaliador interno – também foram importantes.</p>
2.2.2.A formação proposta pela tutela e a aquisição de competências.	<p>Esta sessão foi muito importante pois veio ao encontro de dúvidas sobre a parte final da nossa avaliação e sobre o preenchimento do Anexo II.</p> <p>...É sempre bom ter mais formação, porque há sempre coisas a aparecer, há a evolução, há conhecimentos que se calhar a formação nos permite rever. Portanto, ... penso que a formação é sempre importante ... para nós realmente lidarmos com os vários documentos e a legislação e podermos refletir sobre isso, e acho que isso foi</p>	<p>Ou eu sou muito distraída, ou a reunião não focou aquilo que deveria focar. Por que motivo a formadora está sempre a repetir que não é nossa avaliadora?</p> <p>Gostava de poder ler o livro de apontamentos da acompanhante da formadora...</p> <p>... Muita importância. Porque daí decorre depois a</p>	<p>O nosso o nosso horário devia ter sido drasticamente reduzido, porque nós... Isto é um trabalho novo, foi o primeiro ano, devíamos ter tido muito mais horas de trabalho, de trabalho específico, e portanto muitas horas de redução na escola ... mais umas horas, mais umas horas, ... para discutir alguns pormenores que ocorreram este ano e, que se calhar, podem ser melhorados, e enfim, ... não aquela</p>

	<p>bastante bom. ... Penso que falhou aí também aquela parte que seria ... se calhar que nós estávamos à espera um pouco da supervisão que não existiu. ... Mas também, não sei se a própria legislação apontava muito para aí. Se calhar, há alguma lacuna nesse aspeto.</p>	<p>atuação dos próprios avaliadores. Portanto ... relativamente à formação, achei pouco. Gostaria de ter tido mais. ... Achei poucas horas de formação. Acho que deveríamos ter tido mais horas de formação [não] foi possível, mas deveríamos ter tido mais para ... para ter maior conhecimento, maior segurança na nossa atuação.</p>	<p>formação tipo ... com carácter ... estritamente académico, mas para debater alguns problemas entre os avaliadores. Porque, quem é avaliador, à partida tem ou teve experiência neste campo, se não teve aí a coisa complica-se</p>
--	---	--	---

2.3. As condições da Avaliação Externa e a secundarização da docência			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
2.3.1. Nº de turmas, de alunos e horas de atividades relacionadas com a docência	... eu já tenho algumas reduções, portanto, não tenho tanta carga horária em termos de turmas. Tive ... três turmas do décimo segundo ano de prosseguimento de estudos, tive uma turma de décimo segundo ano do profissional, dei apoio a um aluno com deficiência visual	quatro níveis...oitavo ano e décimo primeiro ... cinco turmas (...) perto de cem alunos ... 20 horas letivas	Lecionei nono e décimo primeiro – dois nonos e um décimo primeiro – cerca de ... oitenta alunos O meu horário de trabalho, portanto ... distribuía-se por quatro dias de terça a sexta - dezoito horas letivas
2.3.2. Número de professores a observar	Três: todos os docentes no 4º escalão da carreira	Duas docentes posicionadas no 4º escalão da carreira	Duas professoras no 4º escalão
2.3.3. Tempo total de observação da prática letiva como avaliador(a)	Doze tempos letivos, no total 600 minutos, assim distribuídos: 2+2+2 aulas de 100 minutos	8 tempos letivos, num total de 380 minutos distribuídos por: 2 aulas de 90 minutos +2 aulas de 100 minutos	8 tempos letivos, num total de 400 Minutos: 4 aulas de 50 minutos + 2 aulas de 100 minutos
2.3.4. Distância da escola onde leciona aos locais de observação	(...) a escola também era aqui, na mesma... na mesma localidade onde nós moramos, portanto, também era sair de casa entrar na escola	Aproximadamente 2 km e 10 km (Diário) ; escola E3 (cerca de 20Km da minha casa)	Aproximadamente 2 km (Diário)
2.3.5. A (re)organização do trabalho docente	A Direção de turma... dá muito trabalho ... pois é necessário ter o trabalho sempre atualizado, uma boa comunicação entre os professores da turma, o contacto com os encarregados de educação e com os alunos da turma ... ainda temos que controlar atempadamente as	... não tenho tido tempo para parar, com tanto nível para preparar (diário, 24 de janeiro) Não pude lecionar as aulas previstas – deixei atividades para os alunos realizarem em aulas de substituição	

	<p>faltas e as justificações de faltas e o seu registo. E depois de um dia recheado ainda temos que preparar as aulas do dia seguinte.(diário, 7 de maio)</p> <p>Apesar de nos ter sido dispensado o serviço não letivo desde que temos a observação de aulas, o trabalho referente aos cargos tem de ser feito. (diário, 8 de maio)</p>	<p>Não pude atualizar as faltas da minha direção de turma do 11º (Diário, 11 de março, dia de formação)</p> <p><i>Dia de trabalho individual, pois está-se mesmo a ver!</i></p> <p>(diário, 5 de abril)</p>	
--	--	---	--

2.4. Balanço da execução da tarefa de avaliador externo			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
2.4.1. Reações iniciais à nomeação para avaliador(a) externo(a)	<p>Não encarei com (riso) com preocupação, porque mais ou menos já estava ... sentia-me mais ou menos preparada</p> <p>... com a experiência que eu tinha anteriormente de orientadora de estágio e de observação de aulas e como relatora, também observei aulas de uma colega e portanto, não foi muito preocupante para mim.</p>	<p>Por que carga de água os bons trabalhos me cabem sempre a mim...</p> <p>Foram variados e contraditórios os sentimentos que me assolaram: estupefação (porquê eu?), curiosidade (é uma experiência nova, um meio de adquirir experiência), medo (mas a que regras me terei de me sujeitar?), raiva (trabalho extra, onde vou arranjar tempo?), tristeza (avaliar colegas/pares com experiência, que têm que abrir a sala de aula a uma estranha, não é fácil, nem para uma, nem para outra), aceitação (é um trabalho que tem de ser feito por alguém, possível de ser feito, se não houver avaliadores, os professores que necessitam de ser avaliados, não o poderão ser...)</p> <p>No início com consternação e apreensão...</p>	<p>Inicialmente fiquei um pouco apreensivo.</p> <p>... eu observei aulas durante quase dez anos, quer como orientador de estágio quer como ... delegado à profissionalização local e itinerante...</p>
2.4.2. Aspectos negativos da Avaliação Externa	<p>Tenho que me deslocar a vários locais aquando da observação de aulas. (3 maio)</p> <p>Foram-nos então entregues os relatórios dos docentes que observamos. No meu caso 3 docentes. Como quase todo o</p>	<p>lá vou eu perder uma tarde que me faz tanta falta para corrigir trabalhos e testes, ainda por cima tenho de fazer 20Km só para um encontro de meia hora.</p> <p>Simplificado ou complicado, sei lá, já nem tenho a certeza das regras por que me devo reger. Lá volto eu ao bom senso</p>	<p>Cheguei ligeiramente atrasado à minha aula que começava às 10 h 40 min.</p> <p>O avaliador, ou era avaliador profissional ou tinha só uma turma, quer dizer tinha uma...componente letiva fortemente</p>

	<p>processo de reuniões no Centro de Formação se faz em horário pós-laboral, mais uma vez, vimos aumentado o nosso horário de trabalho. E isto não se refere apenas ao aumento do tempo de trabalho, mas um acréscimo de responsabilidades. Trouxe os relatórios para casa e tive a preocupação de os colocar em local onde mais ninguém tem acesso, pois todo este processo é confidencial. (1 julho)</p> <p>Este foi um dia muito cansativo, pois juntou-se a reunião de Departamento na parte da manhã, com o encontro entre os avaliadores externos da escola e com as reuniões no Centro de Formação.(15 julho)</p>	<p><i>... calma, faz o trabalho o melhor que souberes, mais não te podem exigir.</i></p> <p><i>por que tenho que ler um relatório da atividade anual das colegas, se sou avaliadora externa e tenho de me limitar a avaliar o que vejo?</i></p>	<p>reduzida. Só faz aquilo... tipo cinquenta por cento de redução, como fazem por exemplo no GAVE, quem anda ... nos exames, cinquenta por cento ou cem.</p>
<p>2.4.3.A componente (não)supervisiva do modelo de Avaliação Externa</p>	<p>Eu penso que não! – Eu penso que não, porque ao fim ao cabo as indicações que nos foram dadas era quase como se fosse sigiloso aquilo que estávamos a ver e a apontar portanto não houve assim muito contacto entre os colegas.</p> <p>... foi mesmo só como avaliadora que eu estive a funcionar.</p> <p>Porque como já disse anteriormente, aquilo</p>	<p>Após o visionamento da aula não sabemos como é que decorreram as outras, portanto como não tenho contacto com elas não posso ... falar sobre isso, não é?</p> <p>Não! – Eu não sou, eu não era supervisora. Eu era avaliadora ... supervisora ... é um cargo completamente diferente que não tem absolutamente nada a ver com o ser avaliadora. Como avaliadora tive ... contactos esporádicos e em aula e limitei-me a uma análise objetiva</p>	<p>...É assim, a partir do momento em que entramos numa aula estamos a observar um colega, estamos numa função em que temos que avaliar. A partir desse momento, acho que acontece a qualquer um, porque se nós não escrevemos então não somos avaliadores. Como é que podemos avaliar se não escrevemos nada?</p> <p>– A partir do momento em que escrevemos, estamos a ser supervisores</p>

	<p>que nos foi indicado foi que até nem devíamos conversar muito sobre aquilo que tínhamos visto sobre aquilo que ... que tínhamos observado. Portanto, era mais observar tomar notas ... bom dia, boa tarde, preencher os papéis e ... pronto. Praticamente sobre o processo em si não falar muito, quer dizer, supervisão acho que não houve.</p>	<p>daquelas aulas e, portanto, aquelas aulas ... não pode ser considerado ...</p>	<p>estamos a, não sei, estamos num patamar diferente. Eu não quero estar a ... numa de comparação, se é superior, se é enfim... Mas de qualquer maneira, a partir do momento em que entramos estamos a escrever, estamos a supervisionar o trabalho, temos que lhe dar uma nota, portanto estamos, infelizmente estamos a supervisionar. Temos que lhe dar uma nota, estamos a avaliá-los. Precisamente é isso, é indiscutível, a partir do momento em que damos uma nota...</p> <p>pois estão em contextos diferentes, mas neste caso, neste caso nós temos que, se temos que lhe dar uma nota, se calhar ... inconscientemente somos...</p> <p>(...) de qualquer maneira, eu não ... se calhar a questão do supervisor é porque não há reuniões, não tem de haver reuniões para discutir se fez mal ou se fez bem. Portanto nesse caso, não nesse caso, não me estou a ver como supervisor claro!</p> <p>[No] modelo que foi apresentado no centro de formação não fazia sentido nenhum</p>
--	---	---	---

<p>2.4.4. Grau de satisfação/insatisfação com o trabalho realizado</p>	<p>... apesar de todo o acréscimo de trabalho extra e não remunerado, gostei muito de o fazer.</p> <p>Foi um excesso de trabalho, para além do trabalho que tínhamos para fazer na escola não é?</p> <p>Eu gostei da experiência porque o facto de ir (riso) o facto de termos contactos com outros colegas, ver a sua prática ... letiva ver as suas condições e ...e gostei de todo o envolvimento.</p>	<p>“(...) a experiência foi positiva, foi muito positiva”</p> <p>se for chamada eu ... continuarei a fazer o meu trabalho, o melhor que souber e puder. Porque ... porque isso também me faz crescer em todos os termos em todas as áreas da minha profissão.</p>	<p>Foi uma experiência muito interessante, embora com muito trabalho à mistura</p> <p>Gostaria [de continuar a ser avaliador externo] se <i>tivesse</i> numas condições em que tivesse um grupo de avaliadores com quem pudesse continuar a trocar e a partilhar experiências.</p>
---	---	---	--

3. Perceções sobre a profissão e a construção da identidade profissional docente

3.1. Opções Profissionais			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
3.1.1. Motivação para ingressar na carreira.	<p>Quando ... estava no secundário estive para ir para arquitetura.</p> <p>Apanhei o ... 25 de Abril de 1974 e as universidades estiveram paradas durante um tempo tive que fazer o serviço cívico. Depois entretanto ... como também tinha muita atividade física acabei por optar por educação física ... e portanto o curso era já vocacionado para o ensino.</p>	<p>Como era licenciatura integrada, desde o primeiro ano tive logo as disciplinas relacionadas com o ensino, tivemos logo desde o primeiro ano, prática de planificação e de simulação de aulas, portanto, no final do curso, estava consciente do que era dar uma aula e que realmente era aquilo que eu queria fazer.</p>	<p>... eu sou de Engenharia Química. Andei a fazer alguns estágios nalgumas empresas, como vi que arranjar emprego era difícil, uma vez por brincadeira concorri a um mini concurso e depois gostei.</p> <p>Gostei da experiência</p> <p>A partir daí optei por ser professor, porque naquela época as condições eram muito mais atrativas do que hoje, portanto estamos a falar ... há 27 anos.</p>
3.1.2. Razões para se manter na profissão	<p>foi essencialmente o contacto com os jovens e ... ver a evolução deles.</p> <p>aquilo que me dá realmente mais gozo é ver como é que eles chegam no início e depois comparar no final as aprendizagens, a evolução mesmo em termos físico-motores ... e mesmo a nível da personalidade deles, da</p>	<p>A constante aprendizagem e ... ao longo da vida e ... e ser surpreendida a todos os momentos por novas situações.</p>	<p>O que me entusiasmou e contribuiu para que ficasse ... foi ... se calhar foi um problema afetivo, quer dizer foi a relação ... as relações afetivas que nós estabelecíamos com os alunos, estabelecíamos... porque há vinte e sete anos o ensino era completamente [diferente] do que é hoje, as turmas eram muito mais pequenas, havia</p>

	<p>maneira como eles se comportam. Há sempre uma grande diferença, uma grande mudança. É essencialmente isso porque, às vezes, na escola não nos apetece estar muito tempo, quando temos determinadas situações, mas o que realmente gosto é mesmo o contacto com os alunos.</p>		<p>muito mais... muito mais proximidade entre os alunos e o professor ... e tudo isso.</p>
<p>3.1.3. Percepções da profissão adquiridas em contexto de trabalho: a importância do exercício de outras funções.</p>	<p>A direção de instalações ocupa-me muito tempo e a maior parte das vezes fora do próprio horário estipulado. É um trabalho imenso e muita responsabilidade. O facto de exercer vários cargos (Direção de turma, Direção de Instalações e Avaliadora Externa) ocupa-me muito tempo e aumenta muito a minha carga horária sem qualquer benefício. É muito cansativo.</p> <p>Cada cargo que nós exercemos traz-nos sempre novos conhecimentos não é?</p> <p>... vai tornando a nossa experiência mais enriquecedora, e ao fim ao cabo, a nossa profissão também vai tendo mais sentido</p> <p>A direção de turma. Isso é bom porque dá-nos o contacto direto com os alunos e com os</p>	<p>Propôs um calendário muito mais razoável, mais “proveitoso” em termos de observação de aulas (unir dois tempos)</p> <p>Foram importantes. No percurso profissional, fazem sempre pensar ... fazem sempre ... pôr em questão tudo aquilo que nós já sabemos e ... temos que estar constantemente a refletir e a modificar a nossa atuação</p> <p>a direção de turma em que se reflete sobre o percurso dos alunos ... e a subcoordenação em que estamos a lidar com os nossos pares ... em que é preciso muita calma e muita serenidade e às vezes parar um pouco e refletir como resolver certos problemas</p>	<p>... todos estes cargos ligados à formação de professores foram extremamente valiosos porque aprendi bastante.</p>

	<p>respetivos encarregados de educação, dá para perceber o perfil do aluno através do ... do conhecimento dos pais e do seu ... vamos lá dizer, do estatuto social, do estrato social.</p>	<p>No caso da orientação de estágio ... é um pouco a mesma coisa, mas, evidentemente, aí é uma aprendizagem ... não é bem uma aprendizagem, mas uma experiência ... que ... marca geralmente a pessoa que vai fazer estágio. Portanto aí, é preciso mesmo muiiita, muita, muita ... seriedade no trabalho, mas muito bom senso.</p>	
--	--	---	--

3.2.O impacto da atuação em novos contextos na construção identitária do docente			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
3.2.1. A influência do exercício da função de avaliador(a) externo(a) na autoimagem do docente	Em relação à direção da escola talvez um pouco porque ... pelo menos acho que tinham mais consideração por nós (riso) por exercermos este cargo penso eu ...	<p>Serei detestada na minha escola, por umas razões, e fora da minha escola, por outras... (9 janeiro)</p> <p>... já sei que há a internet, os telefones, etc., mas falando verdade verdadinha nada como uma conversa <i>tête-à-tête</i> para nos entendermos.</p> <p>Vamos lá... até pode ser que não seja assim tão mau! (15 janeiro)</p> <p>Tenho uma ideia muito precisa e objetiva. O balanço é positivo, penso que tive sorte no meio de tudo isto. (25 junho)</p> <p>Sei a nota global que objetivamente penso que cada uma das avaliadas merece – vamos lá ver se dá certo com as médias que me pedem para fazer (4 julho)</p> <p>talvez tenha contribuído para diversificar ... a minha atuação e tomar atitudes diferentes perante determinadas situações.</p>	Há colegas que ... não aceitam ... que os outros estejam noutra patamar...
3.2.2. A relação com os pares da escola onde exerce	<p>Como grupo funcionamos muito bem e conseguimos alguma força junto da Direção da Escola.</p> <p>Em relação aos colegas de grupo acho que não ... não notei diferença nenhuma (riso). Com os colegas de</p>	<p>Satisfação (bem feito, espero que sejam inteligentes e tirem as devidas conclusões) (9 de janeiro)</p> <p>Não deixei que afetasse. ... Claro ... que ... tudo aquilo que eu pude transmitir em termos de experiência ... transmiti. Mas a relação na minha</p>	Acho que sim! Acho que sim! Porque é assim... é preciso ter alguma elasticidade mental e as pessoas não têm ... elasticidade nem têm, às vezes não têm perfil, não sei se psicológico se... sei lá se são suficientemente bem formadas para aceitar determinado tipo

	<p>outros grupos também acho que não.</p>	<p>escola com os meus pares e com a direção não foi afetada. Talvez tenha havido um maior diálogo nesse...</p> <p>A minha colaboração com o departamento também pode ser um pouco diferente ... aí muda ... qualquer experiência faz com que se mude... relativamente a esse assunto [da avaliação externa]. Se eu não fosse [avaliadora] eu não falaria disso, não saberia o que sei hoje, não teria dado a conhecer aos meus colegas certos aspetos. Mas em termos de relação ... profissional ... ética, acho que não afetou a relação.</p>	<p>de cargos. Às vezes não os conseguem desempenhar, mas querem. Portanto, isto cria sempre ... isto são hierarquias e portanto, havendo hierarquias há sempre problemas, há sempre confusão, é difícil.</p>
<p>3.2.3. A preocupação com a imagem nos novos contextos de atuação.</p>	<p>Por deficiente informação dirigi-me para o pavilhão do clube, onde pensava que fosse a aula ... Era na escola, a 500 metros do clube. Tive que me deslocar a correr para a escola! (Diário, 30 abril)</p> <p>Temos que estar sempre atentos ao correio eletrónico pois estamos constantemente a receber informações sobre o trabalho da avaliação externa. (Diário, 15 de maio)</p>	<p>Se vou para a E4 assistir a aulas, uma escola que não conheço, prefiro ir lá primeiro, antes do dia da assistência às aulas, para conhecer o caminho, o ambiente da escola, e depois se não encontro a escola à primeira... (Diário, 14 de janeiro)</p> <p>... aqui estou eu toda convencida que forneço todas as indicações e cumpro todos os requisitos legais e afinal as regras mudam durante o "jogo". Irrita, apavora, estraga, pois a vida das pessoas não é um jogo. Mas que mania... como é que as pessoas se conseguem entender, então agora vou dar o dito pelo não dito? Bem a culpa não é minha... (Diário, 4 de abril)</p> <p>Acertaram-se procedimentos, horas e combinou-se disposição na sala de aula, a avaliada prefere que me sente na primeira fila</p>	<p>Gostei do ambiente da escola onde estive e de observar a aula da colega.</p> <p>... até posso dizer que uma delas mandou-me um e-mail ... a reconhecer exatamente isso mesmo.</p> <p>... A outra não o deve ter feito por uma questão de, de sei lá de feitio, mas de qualquer maneira fez isso, eu aliás gostei imenso.</p>

		<p>no canto oposto ao da secretária da professora. Não é muito convencional, mas eu também não o sou, é uma experiência nova, mas lá ver se faz diferença. (Diário, 5 de abril)</p> <p>... cheguei 15 minutos antes da aula começar; (Diário, 9 de Abril)</p> <p>Impressão dos documentos</p> <p>Divisão pelos envelopes</p> <p>Ufa, não vou mexer mais – isto deveria ter sido entregue na sexta, enquanto estiver na minha mão, não há descanso. (Diário, 14 de julho)</p>	
--	--	--	--

3.3. Cultura empírica da profissão docente			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>3.3.1. A AE como fator de mudança nas rotinas pessoais</p>	<p>Apesar de ser feriado cá estou eu a trabalhar! (diário, 1 maio)</p> <p>Esta aula foi alterada do dia 6 para dia 3 de maio para dar oportunidade de observar contextos diferentes ... ainda que, mais uma vez, coincidissem com o meu dia de trabalho individual e me causasse alguns transtornos relativamente ao que tinha inicialmente programado para esse dia. (diário, 2 maio)</p> <p>Quer dizer, as práticas profissionais acho que não alterou assim ... não alterou assim muito. As rotinas pessoais ... pois, tendo mais trabalho, tendo que me deslocar a vários locais, alterou um pouco.</p>	<p>Propôs um calendário ... compatível com o meu horário, as minhas atividades letivas não serão afetadas, ótimo! (16 janeiro)</p> <p>... foi uma grande dor de cabeça não ter hora de almoço! (9 de Abril)</p> <p>Observação de aula (9.20 – dois tempos de 50 minutos cada) ... Reunião com formadores (Encontro em grupo de avaliadores às 16 horas)</p> <p>Dia de trabalho individual? Pfff. (19 de Abril)</p> <p>... A vida pessoal alterou porque ... alterou, o tempo disponível para estar com a família porque ... as leituras que tive que fazer, as reuniões que tivemos ao longo do ano, eu digo tivemos porque havia um grupo na escola que se reunia praticamente todas as semanas para trocar impressões e ideias e ... e para refletir acerca do trabalho. ... Claro que esse tempo foi roubado ao tempo pessoal</p>	<p>21 h 30 – 22 h 00</p> <p>Consulta da conta de e-mail, onde recebi os trabalhos de grupo enviados pelos alunos do 11º ano (diário, 16 maio)</p> <p>... a maior parte dos fins de semana do terceiro período foram sempre a trabalhar duramente.</p>
<p>3.3.2.A AE como mais uma tarefa associada à profissão</p>	<p>Acho importante preencher a ficha de observação de aulas o mais rápido possível após a observação para manter presentes os acontecimentos mesmo que durante a aula tenha feito a descrição da mesma, aspeto que penso ser muito importante para ter os registos de todos os factos. (Diário, 1 de maio)</p> <p>O facto das observações de aulas dos professores da</p>	<p>16:30 – Encontro com a avaliada Y, na escola E4 a cerca de 20km da minha casa; 17:30 – Recebi mail do centro de formação a reformular as orientações. Enviei mail à avaliada a informá-la das alterações (Diário, 4 abril)</p> <p>14:30 – Encontro com a avaliada X, perto da escola E2 (Diário 5 da abril, dia de trabalho individual)</p> <p>Observação de 90 minutos de aula na Escola E4, a 10 Km da escola onde leciono... Deslocação em transporte próprio</p>	

	<p>Escola E2 não se realizarem sempre na escola mas utilizarem instalações de um clube da cidade obriga-me a deslocar-me a espaços diversos e a verificar com cuidado o local de observação. (Diário, 10 maio)</p> <p>Recebi <i>mail</i> do Centro de Formação sobre as datas e os procedimentos de finalização do processo de avaliação externa. (Diário, 14 maio)</p> <p>16:00 – 17:30: reunião dos avaliadores externos na escola E1 (diário, 23 maio)</p>	<p>para observar uma aula que teve início às 14h. (Diário, 9 abril)</p>	
<p>3.3.3. Ajustar a docência ao exercício da função de avaliador externo</p>	<p>O trabalho burocrático que exigem [as turmas dos cursos profissionais] para além do ensino propriamente dito e sua avaliação ocupam-nos muito tempo. E apesar de em termos de horas por turma nestes cursos ser mais reduzidas que as turmas de prosseguimento de estudos, acabamos por ter muito mais trabalho! Tudo é contabilizado!</p>	<p>... para realizar o trabalho no âmbito da avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> – a aula de 11º ano ... sofreu algumas alterações, os alunos concordaram em ocupar o intervalo (10m) e sair mais cedo 30 minutos, o restante tempo será compensado em aula extra a lecionar; – para não roubar mais tempo à aula, não almocei, comi uma arrufada pelo caminho e bebi água. (diário, 9 de abril) <p>[O tempo] também foi um pouco roubado a uma das turmas do décimo primeiro ano, porque uma das aulas coincidia ... colidia com uma das assistências, das observações, portanto, aí ... houve mesmo que haver um ajuste de horário.</p>	

<p>3.3.4. O avaliador externo como <i>Superprofessor</i></p>	<p>E a preparação das nossas aulas tem que ser feita! Afinal o processo ensino-aprendizagem dos nossos alunos é a nossa tarefa principal e não pode ser descurada, estejamos, ou não, cansados. (Diário, 11 maio)</p> <p>Apesar de já estar tudo preparado para a impressão é imenso o tempo que leva a imprimir tudo a seleccionar e agrupar os vários documentos e a distribuir pelos 6 envelopes. Passei um dia inteiro para ter este trabalho finalizado. (Diário, 13 julho)</p> <p>Agora, que bem merecíamos uns dias de férias, temos que retomar todo o trabalho da escola... O facto de termos várias funções ao mesmo tempo complica muito a nossa vida ... Alguns têm tanto trabalho... Não deveria ser permitido a acumulação de funções porque é demasiado duro para quem tem que as cumprir. (Diário, 15 julho)</p> <p>Eu penso que consegui cumprir todas com a mesma qualidade porque prefiro dormir menos um bocado (sorriso). Eu levo a escola muito a sério e as tarefas e preocupo-me muito com ter as coisas todas em condições e portanto não ia deixar estas tarefas para trás por causa de ter outras tarefas ao mesmo tempo.</p>	<p><i>A reunião de avaliação do 8º A colide com a reunião no centro de formadores, incomoda-me não estar presente, saber as informações por segunda via é sempre diferente, enquanto estava na reunião de avaliação dava comigo a pensar no que estaria a acontecer na reunião do centro.</i> (Diário, 1 julho)</p> <p>Considero ter cumprido todas as tarefas com responsabilidade e com a qualidade que me foi possível no momento. Hoje claro que ... é natural que fizesse alguma coisa diferente até porque já aprendi mais não é? Mas naquele momento eu acho que fiz o máximo que podia ter feito.</p>	<p>Todas com a mesma qualidade, eu acho que consegui ser ... profissional. Portanto, ... organizei-me e estabeleci ... um calendário pormenorizado para o desempenho de cada uma das tarefas. Nenhuma delas ficou para trás. Desempenhei-as todas ... da mesma maneira. Para isso, tive que trabalhar ... várias vezes ao sábado e domingo e atender alunos por escrito via <i>e-mail</i> ao sábado e domingo ...</p>
---	--	---	---

3.4.A AE na redefinição da identidade profissional do professor avaliador			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>3.4.1. O Impacto do exercício da função de avaliador externo na reformulação dos valores característicos da profissão</p>	<p>Eu penso que, eu tive a sorte também das pessoas que avalei serem bons profissionais e também tinham boas condições de trabalho e portanto a mim pareceu-me ... ir ao encontro da ideia que eu tenho realmente da nossa profissão. Pelo menos, a maior parte dos nossos colegas trabalha muito bem e que tenta sempre fazer o melhor possível. Não sei se alterou assim muito a maneira como eu vejo a profissão.</p>	<p>Para já preenchi só os quadros descritivos – tentei ser o mais objetiva possível – mas as dúvidas persistem. Como preencher o raio da grelha? (Diário, 4 de julho)</p> <p>IRRITAÇÃO – vou voltar à universidade, quem pensa que elaborar um parecer é fácil, é totalmente inconsciente. (...) E passei a manhã toda a estudar... e pensava eu que estava formada... (Diário, 9 julho)</p> <p>Não vejo a profissão de forma diferente. Tenho é uma visão mais alargada e, é-me possível verificar que em diferentes contextos e em diferentes situações e perante diferentes alunos em diferentes escolas ... a experiência pode ser enriquecedora a qualquer nível ou a todos os níveis não é? ... Mas a imagem central que eu tenho do que é ser professor não, não a modifiquei. Encaro a situação da avaliação como uma função externa. Porque, na minha escola a minha maneira, o meu modo de ser, a minha atuação não mudou ... o meu modo de dar aulas, ou de estar perante o aluno é que pode enriquecer.</p>	<p>... Isto perante colegas mais novos, veem um colega, um avaliador externo como ... como uma pessoa noutra patamar, como um professor diferente ... sei lá, uma comparação um bocadinho entre, no sistema antigo, dos professores e dos professores titulares ... não sei o professor avaliador, o professor avaliador pode complicar a vida ao professor ... ao professor avaliado, enfim ...</p>

<p>3.4.2. O trabalho colaborativo da equipa de avaliadores e as alterações do eu profissional</p>	<p>Li com atenção os três relatórios entregues pelos professores avaliados... No que se refere às aulas observadas não houve especificação sobre os factos ocorridos, exceto no relatório de treze páginas que continha anexos com “evidências” onde constavam as reflexões do professor sobre as aulas observadas. ... A legislação especificava que o relatório de autoavaliação deveria ter 3 páginas e que não deveria ter anexos ... Deixei este assunto para conversar com os meus colegas avaliadores externos e aconselhar-me junto deles sobre a forma de proceder relativamente a este assunto. (Diário, 3 julho)</p> <p>O facto de termos decidido juntar os avaliadores externos da nossa escola foi muito importante, pois pudemos trocar ideias, o que nos proporcionou melhorar todo o nosso desempenho. (Diário, 15 julho)</p> <p>Eu penso que sim! - Eu acho que sim porque ... houve mesmo colaboração e troca de ideias e ... houve um trabalho mesmo colaborativo. Normalmente, na escola o que nós fazemos, é ... não é colaborar. Cada um faz determinada coisa</p>	<p><i>É sempre bom sabermos que não estamos sós, dá-me uma certa segurança saber que o grupo de avaliadores da E1 consegue entender-se, a conversa revelou-se profícua, chamou-me a atenção para alguns aspetos importantes, alarmou-me um pouco constatar que se um grupo tão pequeno é tão dispar nas suas conceções, o que será a nível nacional! (Diário, 2 abril)</i></p> <p><i>Consola-me saber que vou reunir com os meus colegas na 2ª feira, dá-me uma certa segurança (Diário 5 julho)</i></p> <p>...</p> <p><i>Não, não mudou a forma vejo a profissão. ... A minha profissão é ser professora. ... A forma como eu a vejo não mudou porque está muito vincada ao longo de vinte e cinco anos.</i></p>	<p><i>Não! Não! ... o grupo de avaliadores é o grupo de avaliadores</i></p> <p><i>Isto é uma situação que se calhar aconteceu porque nós nos conhecíamos já há muitos anos e tínhamos algum à vontade. Se nós ... se eu for integrado noutra grupo se calhar a situação é diferente.</i></p>
--	---	---	--

	para depois apresentar no conjunto. Colaboração propriamente dita não há assim muita. E naquela situação acho ...que houve mesmo ... troca de ideias e discussão e ... pronto construção de um projeto em conjunto.		
--	---	--	--

4. A Avaliação Externa e a ampliação da profissionalidade do avaliador

4.1. Características da profissionalidade no local de trabalho			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>4.1.1. A Avaliação Externa como condicionante do apoio às aprendizagens dos alunos</p>	<p>As turmas dos cursos profissionais requerem imensa atenção. Por vezes temos que diversificar os tipos de avaliação para colmatar as suas dificuldades e conseguir que obtenham classificação positiva nos módulos, mas isso requer sempre uma maior dedicação e trabalho. (Diário, 6 maio)</p> <p>... na parte final realmente do ano letivo em que nós temos muitas tarefas e portanto ... em que ... por exemplo nós, que temos turmas do profissional e temos que arranjar várias formas diferentes de avaliação porque são alunos com características diferentes dos outros, temos também muitos trabalhos a finalizar o ano e foi quando coincidiu com as observações e depois a reflexão e todo aquele trabalho. Nessa altura achei que houve realmente uma sobrecarga bastante grande de trabalho</p>	<p>Para realizar o trabalho no âmbito da avaliação:</p> <p><i>não pude facultar aos meus alunos a as horas de apoio que vinham sendo lecionadas desde o 1º período (ao oitavo ano) (Diário, 9 abril)</i></p> <p>Foi muito trabalho para tão pouco tempo. Tinha que ser um trabalho mais ... espaçado no tempo tinha que ser mais preparado ... deveríamos ter tido mais horas ... influenciou ... no apoio aos alunos, claro que influenciou. Porque eu deixei de poder apoiar em certas horas os alunos, porque colidia com as horas de formação ou com as horas de ... com o facto de ir assistir e observar as aulas. ... Com a correção de trabalhos, também não pude pedir tantos trabalhos aos meus alunos porque sendo professora de português ... os trabalhos levam muito tempo a corrigir e tendo cem alunos era quase impossível ... corrigir tanto trabalho, portanto tive que pedir menos ... trabalhos escritos.</p>	<p>Como a aula observada terminou às 10 h 20 min, cheguei ligeiramente atrasado à minha aula que começava às 10 h 40 min.</p>

<p>4.1.2. A relação com os colegas e com a direção da escola: à procura de um ponto de equilíbrio</p>	<p>É por vezes desmotivador quando pretendemos ter material adequado e em quantidade que permita oferecer aos alunos boas condições para aprendizagem e melhor ocupação do tempo útil da aula, ver que alguns colegas não têm um mínimo de cuidado com o material ... não controlam situações que provocam a sua deterioração ... não têm cuidado com o lugar da sua utilização que proporciona por vezes o extravio do material. E porque os professores não preenchem a folha de requisição do material para as aulas dão azo a que os funcionários se desresponsabilizem, não apontando em que aulas o material desapareceu e as razões. (Diário, 8 maio)</p>	<p><i>A conversa com a diretora foi pacífica e eficaz, estou dispensada das horas não letivas... Ah, é mesmo para rir, eu só tenho direção de turma, o trabalho tem que aparecer feito, bem tenho uma horinha, de apoio de francês do 8º A – já vale a pena. (Diário, 2 de abril)</i></p> <p><i>Não quero ser dissimulada, não posso viver bem com todos, mas quero viver bem, não sei como, mas tem de haver uma saída para fazer outrem compreender que o melhor trabalho em equipa é criar individualidades, é ajudar a traçar um caminho autónomo e livre. Confesso que estou a ser um pouco cobarde, mas os papéis de professora / diretora de turma / colega de trabalho / avaliadora (enquanto elemento de um grupo) estão a colidir e tenho de delinear uma fuga airosa. (Diário, 30 abril)</i></p>	
--	--	---	--

4.2. A avaliação de docentes e a emergência de novos dilemas			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>4.2.1. A conceção de “bom professor” e de bom ensino</p>	<p>Fiquei muito bem impressionada pois a colega conseguiu com turmas de 30 alunos deste nível de ensino manter sempre um ótimo ritmo de trabalho, bom clima, alunos interessados, participativos e disciplinados. Utilizou estratégias de ensino e de informação que a permitiram libertar-se para o controle da atividade e avaliação formativa através de feedback aos alunos. (Diário, 30 abril)</p> <p>É com agrado que verifico que os professores que estou a avaliar fazem um excelente trabalho. A aula do professor P1 foi excepcional em todos os aspetos. (Diário, 2 de maio)</p> <p>O professor iniciou a aula ... e rapidamente organizou trabalho a efetuar pelos outros alunos, mostrando plasticidade e criatividade face a situação inesperada. (Diário, 3 maio)</p>	<p>A aula foi gira, correu bem – estou a adivinhar que isto afinal até é uma experiência que pode ser muito enriquecedora...(Diário, 9 abril)</p> <p>Li o plano de Y, este é ambicioso, muito bem estruturado, estou curiosa... (Diário, 16 abril)</p> <p>Recebi plano de aula da avaliada X por <i>mail</i>: Um plano ambicioso, apresentam-se-me muitas dúvidas quanto à sua ... enfim... (Diário, 18 abril)</p> <p>... estava à espera de mais... o que parece uma coisa, às vezes é outra depois de pensada (Diário, 23 abril)</p> <p>Excelente plano o de Y, são altas as minhas expetativas. (Diário, 30 abril)</p> <p>Agora ... é claro que eu tenho a minha ideia do que é um bom professor, mas como eu digo, as minhas ideias podem sempre mudar por influência do meio, e eu aí aceito a mudança. Portanto, como aceito e gosto da mudança ... o bom professor pode não ... claro que há um perfil, mas não é exatamente todos os pontinhos</p>	<p>Eu estive a observar duas professoras que tinham um trabalho muito semelhante ao meu ... e portanto ... revi-me um bocado no trabalho delas, era um bocado tipo espelho, relação objeto imagem, agora estou a dar uma opinião tipo ... física, não é?</p>

		nem todas as ... as palavrinhas que estão naquele...	
4.2.2. A influência dos pré-conceitos do avaliador no resultado final	<p>Tenho que referir que este professor [P1] tem 20 anos de serviço, tem formação pós-graduada e experiência como orientador de estágio. (Diário, 2 de maio)</p> <p>Não! – Não porque nós ... a nível da educação física há conceções diferentes e até muitas vezes ligadas à universidade de formação, em que, se calhar, algumas universidades impõem um determinado modelo outras universidades outro enquanto aquela onde eu me formei nos dava os conhecimentos das várias coisas e deixava-nos liberdade para escolher aquilo que achávamos que era mais correto e portanto já estou habituada também a trabalhar com os colegas com ... visões diferentes e maneiras de estar diferentes e portanto ... aquilo em que eu acredito, na melhor forma de trabalhar ou isso, não influenciou a avaliação, porque avaliei de acordo com aquilo que cada um estava a defender e se agia de acordo com aquilo que estava a fazer.</p>	<p>Angústias de uma avaliadora: Não há igualdade sem diferenciação. Não há diferenciação sem criar desigualdades. As comparações são perigosas, mas não posso deixar de as fazer... (Diário, 30 abril)</p> <p>Não! – Tento ser sempre objetiva ... fui com a mente muito aberta ... aceito as diferenças, gosto da criatividade, gosto da diferença e, portanto, não! – As minhas crenças em todos os aspetos não influenciaram ... o processo de avaliação.</p>	... a observação que eu fiz ... por acaso as professoras que eu estive a observar eram professoras ... foram professoras excelentes
4.2.3. A ampliação e consolidação das competências avaliativas	Recebi e comecei a estudar o material sobre classificação... Elaborei uma folha Excel com o cálculo da classificação segundo o anexo II para ajudar a elaborar a classificação da avaliação externa dos professores avaliados. (Diário, 3 de junho)	<p>Uma aula de 50 minutos é muito menos elucidativa que uma de cem, a sequência, progressão, a relação interpessoal são muito mais evidenciadas e passíveis de serem observadas (Diário, 23 janeiro)</p> <p>Preenchimento das grelhas – anexo 1 – a partir das minhas notas</p>	

	<p>(...) a referência à atividade letiva era muito limitada e geral e que alguns assuntos, como a relação com os alunos e estratégias utilizadas estavam descritas noutros locais, o que me obrigaria a estar atenta quando fosse emitir o meu parecer. (Diário, 3 julho)</p> <p>Baseei-me nas anotações que efetuei no anexo I e nos parâmetros considerados para começar a elaborar o meu parecer. Também tendo em conta o descrito comecei a elaborar o anexo II de acordo com os parâmetros indicados no anexo III. (4 de julho)</p>	<p>(pormenorizadíssimas) das aulas assistidas. ... O preenchimento das grelhas ajuda a simplificar e a complicar a tarefa de atribuir uma nota – mas objetiva e se tinha algumas dúvidas, e tinha-as, elas agora estão evidenciadas, tinham razão de ser, e ajudam-me a clarificar a nota a atribuir. (Diário, 29 maio)</p> <p>... existe um fator que é objetivo na avaliação ... e o professor, quer seja de matemática, quer seja professor de francês, quer seja professor de português, tem que ter uma determinada atuação em sala de aula. Portanto existem pontos que são comuns para lidar com os alunos. (...) Não tem a ver com o facto de ser de português, ou ser de inglês, seja o que for.</p>	
<p>4.2.4. O profissionalismo e a ética profissional numa avaliação que se quer justa e imparcial.</p>	<p>Para manter bem fresco na memória o que observei, acho importante preencher o mais cedo possível a ficha dos instrumentos de avaliação. No entanto, tenho registada a descrição da aula passo a passo e respetivas notas que vou assinalando, caso tenha que recorrer a elas. (Diário, 11 maio)</p> <p>Não há indicações muito precisas sobre a quantificação dos itens ... comparar o desempenho dos avaliados, ajuda-me a equacionar as várias situações observadas e a distinguir a prestação de cada um... (Diário, 3 junho)</p>	<p>O trabalho será feito com o profissionalismo e a ética que sempre pautou a minha prática letiva e não letiva e com as duas características que eu considero essenciais bom senso e ponderação. (Diário, 9 janeiro)</p> <p>Passou-se a ideia de uma certa uniformidade de critérios e procedimentos em todo o país, espero que isso se verifique, mas não sou ingénua, claro que o <i>laisser faire, laisser passer</i> vai persistir, e isso incomoda-me “como andar à chuva”, as desigualdades perturbam-me, especialmente nestes tempos de insegurança e rivalidades entre professores, a falta de confiança é persistente e envenena a relação entre pares...(Diário, 11 março)</p> <p>Estou satisfeita com o trabalho realizado. Evidencia-se muito bem as diferenças</p>	<p>o processo de avaliação, é sempre relativo, quer dizer as opiniões valem o que valem, isto depende sempre da postura do avaliador e do avaliado.</p> <p>... acho que a minha avaliação foi isenta.</p>

	<p>Procedi à releitura dos vários documentos: anexo I e anexo II e pareceres tendo feito pontuais correções. (diário, 12 de julho)</p> <p>Em relação aqueles em que observei, eu tentei sempre ser justa e consegui distinguir uns dos outros. [Mas] como os avaliadores são diferentes, e cada um tem o seu percurso há de haver sempre alguma diferenciação entre o que um avaliador avalia (riso) e o outro, não é? – Ou os critérios que cada um utiliza depois na classificação.</p>	<p>entre avaliadas. (Diário, 10 julho)</p> <p>Incerteza – Evidencia-se muito bem as diferenças entre avaliadas, mas... (Diário 11 julho)</p> <p>Revisão de algumas frases. Leitura de alguns artigos de apoio. Enquanto não entregar, não estarei totalmente satisfeita.(Diário, 12 julho)</p>	
--	---	--	--

4.3. A AE e a reflexão sobre os contextos quotidianos do exercício da profissão.			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
4.3.1. A observação como motivo de reflexão sobre o funcionamento dos contextos onde se exerce a docência	Fez-me refletir essencialmente sobre os contextos, ou seja, o material que eles tinham e os espaços que eles tinham, que realmente em relação aos nossos são bem melhores	(...) na própria aula, ... a disposição das salas ... as condições que temos, tudo isso ... me fez pensar no que é melhor ou não é, ou que é pior para o aluno, o que é melhor ou pior para a lecionação e para a prática pedagógica ... até o próprio contexto escolar. Aqui pronto, as escolas eram da zona, ... não houve muita diferença.	
4.3.2. O reflexo da observação de outros no repensar/reformular da própria prática	Em relação às práticas penso que não, que não me vão fazer mudar aquilo que eu faço, porque ... penso que trabalhamos mais ou menos da mesma forma. Nesse aspeto, acho que mudar só se for mesmo em termos de adquirir melhor material e de outras condições que eles têm.	... fiz uma observação o mais objetiva possível, mas de vez em quando não me foi possível deixar de estabelecer paralelo com as minhas aulas... (Diário, 9 abril) Sempre. ... A observação das práticas faz-nos sempre pensar, faz-nos sempre, pelo menos a mim, faz-me sempre refletir ... A prática profissional está sempre a ser alterada, porque nós estamos sempre a pôr em questão. ... Evidentemente observar uma aula ... faz-nos refletir também sobre a nossa própria prática. Depois, alteramos e queremos alterar sempre para melhor, não é?	Nós acabamos sempre por melhorar o nosso trabalho depois de observar outros... acabamos sempre por mudar inconscientemente e, se calhar ... damos mais atenção a determinados pormenores dos alunos, embora sem perceber ou, vamos, sei lá, discutir determinadas dúvidas mais ao pormenor.

4.4. A emergência da profissionalidade na atuação em novos contextos			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>4.4.1. A profissionalidade dos professores em contextos avaliativos de cariz meso</p>	<p>A análise do plano de aula enviado pelo professor vai libertar-me para uma melhor observação para não ter de recorrer ao plano durante a sessão e concentrar a atenção nas atividades. (Diário, 1 maio)</p> <p>Torna-se difícil por vezes, apesar de me deslocar para o local da observação com bastante antecedência, descobrir para onde efetivamente me devo deslocar, visto que, os espaços de aula são diversos dentro da escola e, por vezes, fora desta, nas instalações do clube da terra (este facto cria alguma ansiedade e faz perder mais tempo). (Diário, 2 maio)</p> <p>Sendo muito positivo o professor mostrar plasticidade e iniciativa para enfrentar situações inesperadas, é importante no caso desta disciplina os professores planearem o trabalho a efetuar em caso de alunos com doenças ou indisposições que os privem da parte prática da aula e, não se</p>	<p><i>Se fosse eu, estaria ansiosa por ver a cara de quem me vai avaliar, todo o processo deve ser o mais claro e objetivo possível, e se elas desejarem alguma alteração? – O melhor, é disponibilizar o meu contato para possíveis alterações de calendário e/ou outros assuntos, deve ser por isso que me mandaram o mail das avaliadas, não há outra razão lógica... (Diário, 14 janeiro)</i></p> <p><i>Não sou eu que estou a ser avaliada, mas, de facto, sou, estou constantemente a ser avaliada por mim mesma, e não há um dia que não me questione se estou a fazer as melhores ou as piores escolhas e/ou juízos de valor, não gosto de me arrepender do que faço ou digo, os arrependimentos evitam-se, sempre que possível (Diário, 16 janeiro)</i></p> <p><i>Eu preciso de tempo para me distanciar, objetivar e conseguir expressar por palavras aquilo que a minha intuição me diz – não falo sem ter certezas. (Diário, 16 abril)</i></p> <p><i>Mas as minhas dúvidas mantêm-se, já só penso num número. (Diário, 30 maio)</i></p>	

	<p>esquecerem que a aula é para todos! (Diário, 3 maio)</p> <p>Como tenho observação de aula do professor P3, estive a analisar o seu plano de aula. Verifiquei com atenção o espaço onde vai ocorrer para não ter que andar a correr de um lado para o outro como já aconteceu, devido aos diferentes espaços em que decorrem as aulas. (Diário, 9 maio)</p> <p>Para ficar com o trabalho em condições é necessário fazer várias leituras, verificar os vários documentos que levam à emissão do parecer e ir fazendo correções. Tem de estar tudo coordenado e justificado. (Diário, 10 julho)</p> <p>Impressionante a falta de profissionalismo e responsabilidade manifestada por alguns avaliadores! Como é possível estarem à frente de um processo que decide a vida profissional de colegas? (Diário, 15 julho)</p>	<p>Há diferenças! Não sei se o pior já passou se está para vir. Falar é fácil. (Diário, 1 junho)</p>	
<p>4.4.2. A objetividade e o bom senso quando se confrontam valores e interesses.</p>	<p>Achei necessário elaborar um plano: 1º Fazer uma leitura global dos vários relatórios; 2º Rer a legislação da avaliação externa, nomeadamente a que diz respeito ao preenchimento dos vários</p>	<p>... não há teoria que me tire as angústias nem as dúvidas que me assolam, aqui só mesmo o tempo e a reflexão aturada me levarão a chegar a alguma conclusão. Não posso ser precipitada. (Diário, 19 de abril)</p>	

	<p>documentos. (...) Numa segunda fase fazer uma leitura do relatório focada para a atividade letiva, retirando os aspetos relevantes no que dizia respeito às aulas lecionadas, à relação com os alunos e ir tomando notas sobre o meu parecer sobre a leitura dos factos relatados.</p> <p>Na fase final, elaborar os pareceres. (Diário, 2 julho)</p> <p>Quanto às ditas “evidências” das aulas observadas é incrível como o professor refere a necessidade de alteração do plano de aula e não refere o que correu menos bem, afirmando que foi um êxito. É claro que os professores estão a lutar por uma boa classificação, mas deveriam especificar também situações menos conseguidas mesmo que amenizadas e não declararem que tudo foi um êxito! Espero não ter problemas com a classificação deste professor pois estou em desacordo com o que ele declara. (Diário, 3 julho)</p>	<p><i>Necessito de tempo para racionalizar e objetivar a aula – esta aula inquietou-me – no bom sentido, fez-me pensar e desejar saber o que viria na seguinte (...)</i> às vezes o mais simples é o mais apropriado, aqui está um dos problemas deste processo, compreendo e aceito a aula, é uma aula que acredito estar englobada num processo maior do que aquele que me é possível observar, agora ou confio no meu instinto ou... Eu quero acreditar, eu vou acreditar, é para aí que a ética profissional me conduz... Não me satisfiz totalmente, falta algo. (Diário, 23 abril)</p> <p><i>A avaliada Y contactou-me, diz que não considera justo não saber neste final de ano letivo e só no próximo, eu concordo, é um martírio saber-se que se foi avaliada e estar um ano à espera de saber a nota, espero que as pessoas de direito pensem no caso.</i> (Diário, 25 junho)</p>	
<p>4.4.3. Preocupação com o bem-estar do avaliado</p>	<p>Recebi <i>e-mail</i> do professor P1 com a informação sobre o calendário de avaliação de desempenho dos professores do seu agrupamento. Como nós, avaliadores externos ainda não sabemos nada</p>	<p><i>Não é justo sujeitar os avaliados à incerteza da avaliação... Tanto secretismo... No início, disseram que todo o processo deveria ser transparente... neste momento, vejo-o muito opaco, é tão secreto, tão secreto que, se calhar, nem eu deveria saber a nota que vou atribuir.</i> (Diário, 25 junho)</p>	<p><i>... os comentários e não críticas, as sugestões que eu fiz ... portanto no, no</i></p>

	sobre esse assunto, ficou de enviar-me. (Diário, 6 maio)	<i>... é uma responsabilidade, outros estão dependentes do nosso trabalho (Diário, 15 julho)</i> <i>... Considero que ... sim. Porque qualquer momento de avaliação faz refletir, quer o avaliado, quer o avaliador. ... O quanto não sei, porque depois não temos ... diálogo, não temos repercussão, não temos... não sabemos o resultado</i>	boletim de avaliação, acho que lhes foram extremamente proveitosas
--	--	--	--

5. A AE e as perspetivas de desenvolvimento profissional

5.1.O exercício da função como processo promotor de crescimento profissional

Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>5.1.1. A importância da formação institucional e da formação em equipa.</p>	<p>As nossas reuniões são muito importantes servem para fazermos o ponto da situação, decidirmos os passos a seguir, unificar procedimentos, tirar dúvidas. (Diário, 14 maio)</p> <p>... As ações que nós tivemos no centro de formação foram bastante importantes no sentido de que nos deram ... fizeram refletir mais sobre a legislação em vigor. Portanto, há sempre coisas a sair e depois, nós não estamos bem dentro do assunto</p>	<p>Balanço positivo! Sei o que é esperado de mim. A ação de formação revelou-se proveitosa, de tudo é bom que se retire o que é positivo, e esta foi positiva, aprendi alguma coisa. (Diário, 11 março)</p> <p>Encontro com as formadoras ... Apraz-me dizer que não tenho nada a dizer. “Nem tenho palavras”... Hoje não aprendi nada... Afinal a reunião passou ao lado, não focou nada de interessante...(Diário, 13 de maio)</p> <p>Reunião com a formadora sobre classificação ... Foi clarificado o processo, o que vou ou não entregar, o que é esta avaliação, sinto-me insatisfeita, necessitava de pontos de referência, modelos, casos exemplificativos, compreendo que cada disciplina é singular, mas na pluralidade também se poderia estabelecer perfis definidos e objetivos – continuo insatisfeita “as sombras” de que falava a formadora são o que me preocupa. (Diário, 30 maio)</p>	
<p>5.1.2. O avaliador</p>	<p>Porque detetamos uma falha na marcação da aula a observar deste professor tive que enviar para o Centro a</p>	<p>Recebi plano de aula da avaliada Y, forneci-lhe todas as indicações que me foram facultadas ... Recebi mail do centro</p>	

<p>externo como líder intermédio</p>	<p>correção da data. (Diário, 2 maio)</p> <p>Contactei telefonicamente com o centro de Formação para tentar resolver o problema levantado com o não cumprimento da legislação por parte do professor P2. Como a Diretora do Centro se encontrava de férias tive que lhe mandar um correio eletrónico relatando o facto e referindo a legislação: art.º 19º do decreto regulamentar 26-2012, ponto 4 – “O relatório de autoavaliação deve ter um máximo de três páginas, não lhe podendo ser anexados documentos.” (Diário, 9 julho)</p> <p>Fiquei muito impressionada (no mau sentido) ao verificar que alguns avaliadores externos não traziam os documentos pedidos ou não os tinham conforme os procedimentos estipulados. Estive meia hora à espera para me reunir com o avaliador interno dos professores que observei porque sendo este também avaliador externo de um professor de outro agrupamento, estive a fotocopiar documentos e a organizá-los, para a sua entrega. (Diário, 15 julho)</p>	<p>de formação a reformular as orientações. Enviei mail à avaliada a informá-la das alterações (Diário, 4 abril)</p> <p><i>A reunião com os formadores foi interessantíssima, aprendi que:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> – para controlar são necessárias duas pessoas, enquanto que para formar é só uma; – não gosto de não saber o que estou a fazer numa determinada reunião – também pode ser que eu seja desconfiada; – faço parte de uma experiência – eu gosto de coisas novas, mas esta aqui incomoda-me (Diário, 19 abril) <p>Resolvi:</p> <ul style="list-style-type: none"> – fazer o meu trabalho o mais honesta e conscientemente possível, ser justa e manter o meu código de ética profissional – afinal só eu posso saber o que se passa dentro da sala de aula que estou a observar e não há formadora do ministério que me convença do contrário.(Diário, 19 abril) <p>Fui claramente demagógica, falei sem dizer nada (talvez tenha dito tudo). Prometi expor o caso à diretora do Centro de Formação. (Diário, 25 junho)</p>	
--------------------------------------	--	---	--

5.2. Vantagens resultantes da colaboração entre avaliadores externos			
Subcategorias	Indicadores		
	Amélia	Gracinda	Manuel
<p>5.2.1. O trabalho em equipa e a perspetiva de desenvolvimento profissional.</p>	<p>As reuniões com os outros avaliadores externos da escola são muito importantes porque nos permitem analisar os documentos em conjunto, concertar modos de atuação, apoiando-nos uns aos outros. (diário, 14 maio)</p> <p>Efetivamente, o facto de trocarmos impressões foi muito útil pois penso que ajudou a fazer um trabalho com qualidade. (Diário, 8 julho)</p>	<p>Leitura e revisão dos pareceres com a [REDACTED] (...) E ainda havia gralhas... irra. Leitura e revisão...(...) ainda não atingi aquele ponto em que tenho a certeza de tudo, penso que nunca o atingirei, sou insatisfeita por natureza, penso que a perfeição não existe e que a vida é um processo de aprendizagem que não tem fim (Diário, 15 julho)</p> <p>Muito! ... Como eu já tinha referido anteriormente ... portanto os avaliadores externos da escola em questão reuniram ... e isso dá-nos segurança.</p> <p>Investigadora: Em termos de desenvolvimento profissional foi importante?</p> <p>Tudo foi importante. Muito importante.</p>	<p>Troquei ideias com as colegas, esclareci dúvidas e ... penso que ficámos todos a ganhar.</p> <p>Importantíssimo. Houve ali uma partilha de opiniões, todos nós acho que trabalhamos em bloco. Foi excelente, mas isto foi este ano. Mas, se forem outras pessoas, se calhar é diferente. As pessoas já se conheciam há muito tempo ... porque houve ali uma troca de experiências umas conversas, um ... trabalho cooperativo foi extremamente produtivo.</p>
<p>5.2.2. A reflexão regular entre pares e a resolução</p>	<p>Quanto ao caso do meu avaliado com relatório de 13 páginas, os colegas aconselharam-me a entrar</p>	<p>Encontro do grupo de avaliadores externos da escola E1.</p>	

<p>de dilemas e problemas individuais ou comuns.</p>	<p>em contacto com o Centro de Formação, já que este não se encontrava dentro das estipulações legais e, por esse facto, o próprio professor poder a ser sujeito a sanções. (diário, 8 julho)</p> <p>Na reunião com os colegas avaliadores externos da nossa escola estivemos a verificar os vários envelopes que tínhamos que entregar, para ver se estavam todos os documentos e se estes estavam conforme o que nos tinham pedido. Foi uma boa medida, pois permitiu-nos retificar algumas coisas e levar tudo em condições para a entrega da parte da tarde.(diário, 15 julho)</p> <p>Contribuiu bastante porque ao trocarmos ideias também ... o que é que vamos observar para preencher a ficha? – Vamos focar-nos em que aspetos depois de observar ... como é que vamos elaborar ... os anexos os relatórios etc. Penso que ... foi bastante importante esta parte da colaboração com os colegas porque houve realmente ...</p>	<p>(...) Angústias de uma avaliadora: querem que ponha no papel o que ainda não está estruturado na minha cabeça. (Diário, 16 abril)</p> <p>Ainda hoje me pergunto como é que pessoas tão diferentes e de disciplinas tão díspares se entendem, mas a verdade é que se entendem e que todas as ideias lançadas me fazem refletir e melhorar o trabalho a fazer. (...) Chamamos a atenção para certos pormenores e estou convencida que o meu trabalho se valorizou e tornou mais fácil. (Diário, 8 julho)</p>	
<p>5.2.3. Aquisição de autonomia e eficácia para atuar a solo</p>	<p>Esta reunião foi muito útil pois foi interessante verificar que os estilos de pareceres dos vários avaliadores eram muito diferentes expressando a personalidade de cada um. Assim, depois de lermos</p>	<p>Insatisfação – o parecer que li (elaborado ontem) parece-me pouco depois de ler o da ■ mas o da ■ parece-me que está nos limites entre parecer e relatório, vou telefonar-lhe... (...) Excelente esta Charlotte... A leitura dos documentos no site fizeram-me refletir. (...)</p>	<p>Agora se estiver sozinho é evidente que já não me custa tanto mas</p>

	<p>os pareceres uns dos outros resolvemos elaborar um modelo que fosse uma síntese dos aspetos que achámos mais corretos, dando, claro está, liberdade para cada um aperfeiçoar à sua maneira. (Diário, 8 julho)</p> <p>Comecei a fazer as alterações nos pareceres para o modelo que elaborámos em grupo. (diário, 9 julho)</p>	<p><i>Vou reelaborar os pareceres. (Diário, 10 julho)</i></p> <p><i>Quando estamos a falar com os outros refletimos com os outros e, aí, ... permitiu-nos adquirir novos conhecimentos, pensar sobre aquilo que fizemos e sobre aquilo que vamos fazer ... aí ... nós aprendemos. É claro que isso contribuiu imenso e deu-me muita segurança e apoiou-me muito em todo o processo.</i></p>	
--	--	---	--